



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

## DISCURSO DE GÊNERO E PEDAGÓGICO: ANÁLISE DE TRÊSANUNCIADOS

Iselene Labres de Sousa<sup>1</sup> - Unifesspa  
Hildete Pereira dos Anjos<sup>2</sup> - Unifesspa

**Eixo Temático/Linha de pesquisa:** Produção Discursiva e Dinâmicas Socioterritoriais na Amazônia

### 1. INTRODUÇÃO

Para tratar da questão de gênero faz-se necessário compreender a polissemia do termo e sua abordagem histórica. O termo “gênero” atravessa diferentes áreas do conhecimento, assumindo contornos próprios em cada uma delas, ou seja, a forma de estabelecer conceitos e apropriar-se da construção de significados emerge de acordo com distintas formas de abstrair o mundo, constituídos na natureza do objeto de estudo das distintas ciências.

Scott (1995) ressalta que, o uso mais recente e mais simples do termo “gênero”, utilizado em livros e artigos, ainda representa a denominação “mulheres”; acredita que houve apenas uma substituição do termo mulher pelo termo gênero. Neste debate é pertinente assinalar que a discussão a respeito das relações de gênero vem ocorrendo desde o século XIX, dadas as experiências históricas do mundo ocidental. Desse modo, o conceito de gênero vem se ampliando e atualmente abrange grupos sociais de diferentes sexos, referendados pelos estudos feministas que entre outros objetivos, buscam explicação científica para a formação social dos papéis de gênero, que resultam nas desigualdades entre homem e mulher.

Louro (1998) acredita que os papéis sociais de gênero, são resultados de padrões e regras estabelecidos na sociedade, os quais definem as relações entre homens e mulheres. Sendo que, os discursos das diferenças sexuais contribuem para produzir e reproduzir os estereótipos de gêneros. Neste sentido, ressalta ainda que a questão de gênero deve ser estudada, considerando as particularidades de cada grupo, respeitando a formação destes sujeitos também em sua coletividade. Esta reflexão contribui para a compreensão do lugar social que homem e mulher ocupam na sociedade, contrapondo-se a ideia das diferenças sexuais entre masculino e feminino serem geradoras das desigualdades sociais. “(...) não são propriamente as características sexuais, (...) aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino o masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 1998, p.21).

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma parte da pesquisa em desenvolvimento que visa investigar como o discurso docente feminino reproduz as relações de estereótipo de gênero no espaço escolar, tendo como metodologia o referencial teórico metodológico da análise do discurso de tradição francesa, doravante AD.

### 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar esta pesquisa, foi utilizada as orientações metodológicas da Análise de Discurso de tradição francesa. Desse modo, foi relevante para interpretar os dados buscar a compreensão do contexto histórico, social e ideológico em que os sujeitos produziram seus discursos. O *corpus* de análise foi composto a partir da gravação em áudio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com duas professoras lotadas em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Marabá/PA. O material de análise é constituído pelas entrevistas transcritas produzidas com as referidas docentes, sujeitos da pesquisa. Antônia e

<sup>1</sup> Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PDTSA/UNIFESSPA) E-mail: iselene\_labres@hotmail.com. Bolsista FAPESPA.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós Graduação: Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PDTSA/UNIFESSPA). Líder do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Socioeducacionais, Políticas Públicas e Diversidade, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: dosanjoshildete@gmail.com.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

Silvia são nomes fictícios utilizados para identificar as professoras. A entrevista com a professora Antônia teve um tempo em áudio com duração de 41:93 min e a da professora Silvia teve um tempo de gravação também em áudio de 21:41min.

Parafrazeando Orlandi (2001), o discurso é algo em constante movimento, que pode mudar seus sentidos, sempre que for produzido. É concebido como o lugar que emergem as significações e expressam as posições dos sujeitos, este lugar é determinado de acordo com a estrutura da formação social e pelas representações das formações imaginárias. Ao produzir o discurso, o sujeito anunciador considera a imagem do local em que ele anuncia, a imagem de si mesmo e a imagem de seu interlocutor, sendo que a figura do interlocutor é determinante na forma de falar e de significar a fala do anunciador.

Foucault (2010) assinala que um discurso não se constitui na homogeneidade, pois se caracteriza por um sistema de signos interligados a diversos outros discursos, que são produzidos a partir de um vasto sistema, acionado por diversos mecanismos da sociedade. Os signos na forma estruturante dos discursos, institui a reprodução de leis, regras e valores que devem ser conservados na sociedade, produzindo outras realidades. A realidade é descrita como um lugar atravessado pelas correlações de forças, intermediadas pelas relações simbólicas em interação com as condições sociais, constituindo um campo de disputa, onde os sujeitos são afetados pela construção dos sentidos, mobilizando uma contínua negociação e deslocamento no campo discursivo. Neste sentido, o discurso é uma rede de significantes a partir de sua significância e dos significantes dos outros discursos. A base é o significante, estabelecido na relação com o outro, centrado no imaginário do sujeito para quem é produzido o discurso, tendo por parâmetro os valores oficialmente aceitos. De acordo com estas lentes, os discursos são produzidos como estratégias de controle, instigados nas práticas discursivas e nas relações de poder que as estigmatizam.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realizar este estudo, optou-se por eleger os eixos temáticos de discurso de gênero e o discurso pedagógico como possibilidades de formação discursiva, onde se organiza os enunciados das professoras, haja vista que atuam em sala de aula e por vez, falam do lugar social de mulher professora.

A professora Antônia apresenta-se como uma pessoa feliz e realizada no trabalho e na família, entretanto argumenta ter fracassado enquanto mãe e mulher. O discurso é materializado em um interdiscurso, que interpela o sujeito na construção/reprodução dos estereótipos das relações de gênero. Vejamos este recorte da fala e marcas discursivas nele destacados:

[...]Casei muito nova, 16 anos, ainda quase criança né, quase menina.[...]Casei aos 16 anos, tive dois filhos maravilhosos, hoje já tenho 04 netos, que são assim, minha vida né. **Quando eu caseitava terminando a 8ª série, em seguida fiz o primeiro ano, ai mesmo por questões, mesmo de dona de casa, afazeres, dei uma parada.[...]. Enquanto mãe, mulher, senti que fui fracassada, parece que tiraram meu chão, fiquei sem direção. Assim então, acho que precisamos resgatar os valores na família. Ver uma pessoa que saiu de você, fazendo coisa errada dói muito, porque você cria um filho, educa, cuida, e não espera que quando crescer faça algo que venha te fazer sofrer[...]**Outras atividades que desenvolvo hoje no cotidiano é praticamente ficar com os netos. É, me dá prazer. Então meu final de semana, hoje se resume em ficar com eles na chácara [...]. Em relação aos sonhos, frustrações e perspectivas acho que me considero uma pessoa realizada, sou feliz, com minha família.

No enunciado **“Quando eu casei tava terminando a 8ª série, em seguida fiz o primeiro ano, ai mesmo por questões, mesmo de dona de casa, afazeres, dei uma parada”** o sujeito do discurso deixa escapar na produção de sentidos marcas que revelam a reprodução das relações estereotipadas de gênero, ao expressar que teve de parar de estudar para cuidar dos afazeres da casa e da família. A professora apresenta em seu discurso a naturalização do papel social do gênero feminino, fundamentado na concepção judaico-cristã, que estabelece ser a mulher responsável pelo cuidado com o espaço doméstico, pela harmonia do lar e pela educação dos filhos. Reflete também a formação discursiva que se filia o “já dito”, centrada em formações imaginárias que interpela a mulher para viver em função do lar e do marido, renunciando seus próprios desejos de realizações individuais. A professora mobiliza em seu discurso valores patriarcal que



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

subjugam a mulher a desempenhar funções de reprodução e atender as demandas do marido e da casa, legitimados no ato matrimonial de acordo com os princípios dogmáticos da igreja católica, onde o ritual da cerimonia materializa as relações de poder, tendo por símbolo a passagem de “domínio” das mãos do pai para as mãos do marido, demonstrando a hegemonia de poder do masculino sobre o feminino.

No enunciado:

Enquanto mãe, mulher, senti que fui fracassada, parece que tiraram meu chão, fiquei sem direção. Assim então, acho que precisamos resgatar os valores na família. Ver uma pessoa que saiu de você, fazendo coisa errada dói muito, porque você cria um filho, educa, cuida, e não espera que, quando crescer faça algo que venha te fazer sofrer (ANTONIA)

É possível perceber que o sujeito deste discurso, através da memória discursiva incorpora o pensamento de que a mulher é a pessoa que deve zelar pelo bem estar e felicidade da família. Os sentidos são organizados por formações discursivas e formações ideológicas carregadas pelos estereótipos das relações de gênero. A voz que assume o estereótipo assume que valores, éticos, morais, religiosos, etc. orientadores dos membros da instituição família são de responsabilidade da figura feminina que, por sua vez, necessita se anular de vontades e desejos individuais em defesa da moral e da constitucionalidade do patrimônio da família. O recorte citado nos remete a organização do discurso a partir da formação imaginária de que a mulher deve adotar uma postura de submissão e inferioridade em detrimento da figura do homem. Ou seja, o enunciado permite que a interlocutora desloque-se de seu lugar social de mulher em função da imagem da família e dos filhos. A mulher de acordo com esta concepção obrigatoriamente deve aprender e desempenhar habilidade que a capacite ter sucesso para cuidar da casa, ser obediente ao marido e zelar pela educação dos filhos. É reafirmado, também neste enunciado a imagem da mulher como a sendo a “rainha do lar”, concebida por Deus para procriar, constituir família e ter sabedoria para conduzir suas atividades rotineiras com equilíbrio e paciência. O “não dito” emergente neste discurso não reconhece a composição da família a partir de uma união homossexual, por exemplo. Do mesmo modo, o discurso é atravessado pelo senso comum ao expressar que esta mesma família tradicional não está acima de desilusões e fracassos, porém o discurso de gênero neste enunciado é marcado pelo discurso da sexualidade que há séculos vem se perpetuando na sociedade. O discurso da sexualidade mobilizado pela interlocutora traduz a figura do sexo feminino, centrada na imagem de “boa mãe e boa esposa”, uma vez que somente a mulher parece possuir as características biológicas para ser mãe. A formação imaginária e ideológica recorrente nos discursos que dialogam na fala da professora Antônia organiza o lugar social de mulher como reprodutora, nascida para dar continuidade à família, diante deste perfil, características como amor, bondade, doação, resignação, sacrifício e submissão estão intrinsecamente contidos na formação da identidade do lugar de genitora.

Esse discurso é percebido na fala da professora Silvia ao demonstrar certo fracasso enquanto mulher por não ter vivenciado essa situação que caracteriza o gênero feminino. Externa arrependimento por ter se dedicado somente ao trabalho docente, deixando em segundo plano a realização de ser mãe, ter um esposo e constituir uma família, internaliza a culpa por não ter cuidado desse lado, no qual se percebe que é um elemento que impede sua felicidade. A fala da professora faz emergir o discurso da defesa da afetividade como característica própria do universo feminino e algo importante e eficaz no processo de ensino e aprendizagem. É possível observar o discurso religioso permeando as vozes, ao relacionar a prática pedagógica à “prática materna”, onde a figura da professora não se esvazia das responsabilidades de mãe, como se a escola fosse a continuidade da “maternidade”, como todo o seu imaginário ideológico que atravessa gerações durante séculos, norteados por discursos religioso que prega acima de tudo valores moralizantes. Observamos os recortes a seguir:

[...]comecei a namorar um rapaz lá, que era muito bem de vida, era pra casar, mas era pra casar e continuar morar lá nesse lugar na roça, queria era estudar, então eu optava ou casava ou ia estudar, então optei por estudar[...] hoje eu me cobro muito por não ter construído uma família né, assim, com esposo, filhos. **E eu percebo que as meninas gostam muito, elas conversam muito comigo sobre a vida delas, particular, em casa mesmo, jeito com a mãe o pai, com os irmãos e quando começa a namorar essa questão tirar dúvidas e medos, né. A sexualidade o que acontece, então elas fazem muitas perguntas sobre esse respeito.** As meninas quando começam a se interessar pra namorar elas conversam com a gente, comigo, perguntam as coisas, eu dou conselho, as vezes elas falam que as mães não conversam essas coisas com elas, aí ponho elas a vontade pra conversar comigo tirar



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

qualquer dúvida, aquilo assim que elas não se sintam assim distante, né, que eu sou amiga delas, que eu sou próxima delas, estamos juntos todos os dias, e o que que elas quiserem saber, em relação é coisas que não são da disciplina de português, que elas se sintam a vontade pra perguntar, né.

No enunciado:

E eu percebo que as meninas gostam muito, elas conversam muito comigo sobre a vida delas, particular, em casa mesmo, jeito com a mãe o pai, com os irmãos e quando começa a namorar essa questão tirar dúvidas e medos, né. A sexualidade o que acontece, então elas fazem muitas perguntas sobre esse respeito. (SILVIA)

A fala da professora Silvia deixa emergir um discurso atravessado pelas relações de gênero. A sexualidade é expressa ainda como um tabu entre os meninos e meninas, que acabam construindo “verdades” sobre seu corpo, as quais representam as “verdades” hierarquicamente reproduzidas na sociedade responsáveis por construir identidades com base nas diferenças sexuais e nos estereótipos de gêneros. A geração de crianças e jovens estudantes encontram-se neste fogo cruzado entre as informações expressas nos meios de comunicação de massa, na família e na escola que contribuem para uma confusão por parte dos educandos em construir conceitos e desenvolver de forma tranquila sua sexualidade. A fala da professora é atravessada por vozes discursivas que representam famílias cuja formação se deu com base no moralismo religioso, que concebem o sexo como algo “pernicioso”, que é fruto do pecado, portanto os indivíduos devem seguir um padrão social para estar aptos a iniciar a vida sexual. Estão expressas na voz da professora Sílvia, neste enunciado, as vozes dos alunos que estão em busca de uma orientação sexual, que possa conduzir seus anseios e angústias com mais segurança, para que não seja vítima da falta de informação, podendo lhe ocorrer uma gravidez indesejada ou ser acometido pela ocorrências de doenças sexualmente transmissíveis. Ainda emergem neste discurso vozes de meninas e meninos que se constituem forados padrões da homogeneização social, como no caso da homossexualidade. Neste sentido, os professores adotam o silenciamento nas questões referentes a sexualidade dos alunos, por não ter direção para abordar esta problemática; as ações educativas na escola ocorrem através de aconselhamento, realizado de forma individual por alguns professores, na grande maioria pelas professoras, quando estabelecem uma relação afetiva com seus alunos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar o discurso docente feminino conduziu à conclusão, embora provisória, de que a ação pedagógica das professoras contribui para a reprodução das relações estereotipadas de gênero na escola, transmite os valores que tiveram por base em sua formação cultural, familiar e religiosa. Assim, é manifestado nos discursos que as professoras falam de um lugar social de mãe e mulher. Esta posição nos remete aos elementos históricos culturais que estigmatizam saberes e divisão social dos sexos. Assim, o não dito expressa a voz da autoridade, do lugar social de professora, com elementos carregados das vozes que emergem nos discursos dos alunos e alunas que constroem suas imagens de acordo com o estabelecimento de padrões de uma cultura silenciosa pautadas no modelo de valores hegemônicos masculinos.

#### **5. REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista**. 2a ed. Petrópolis: Vozes; 1998.

ORLANDI, EniPulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e fundamentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Educação e Realidade, v.16, n.2, jul./dez. 1995.